

# Práticas musicais na cultura digital/participativa e decolonialidade: um olhar pedagógico para o projeto 30 dias 30 beats

*GTE 17 - Formação musical, colonialidade e opções decoloniais*

## Comunicação

*Ane Regina Felix de Almeida Bonfim  
Universidade Federal da Paraíba  
anereginafab@gmail.com*

**Resumo:** Neste texto apresento uma pesquisa em andamento<sup>1</sup> que tece conexões entre as tecnologias, Educação Musical e decolonialidade, observando as práticas musicais digitais do projeto *30 dias 30 beats*. A revisão de literatura traz autores que dialogam com: Educação Musical, cultura digital/participativa, funk e educação, decolonialidade e dentre outros. A pesquisa de campo contou com observações na mídia social Instagram do projeto e entrevistas com os dos criadores e nove participantes. A pesquisa visa contribuir para a compreender o quanto essas práticas da cultura digital/participativa são práticas decoloniais e como essa compreensão pode ajudar a desenvolver uma educação musical antirracista e feminista.

**Palavras-chave:** Tecnologia. Educação Musical. Decolonialidade

## Introdução

Neste texto apresento uma pesquisa em andamento que busca fazer conexões entre as tecnologias, a Educação Musical e a decolonialidade, observando as práticas musicais digitais do projeto *30 dias 30 beats*. O projeto concilia criação musical e compartilhamento digital onde qualquer usuário da mídia social Instagram cria uma composição curta de até 2 ou 3 minutos, uma por dia, durante 30 dias. Neste projeto, muitos artistas participantes também fazem *collabs*<sup>2</sup> com pessoas do audiovisual, criando pequenos clipes, chamando a atenção para a interação, troca de experiências e construção de conhecimento que envolve todo o projeto. É possível afirmar que tal projeto é fruto dessa cultura digital/participativa que estreita os laços, facilitando essa troca de saberes.

---

<sup>1</sup> Essa pesquisa está sendo realizada no âmbito de um trabalho de conclusão de curso pela professora Dra. Juciane Araldi Beltrame.

<sup>2</sup> *Collabs* vem do substantivo de língua inglesa *collaboration*, em português colaborações. É uma prática que junta pessoas da mesma área e/ou de áreas diferentes para trabalharem juntas em algum serviço e/ou produto.

Considerando que as criações musicais do projeto envolvem recursos digitais e os *beats* como uma forma própria de trabalhar com a música, estudar esse projeto nos ajuda a entender que a música hoje, mais do que nunca, faz parte de uma cultura digital/participativa (ARALDI-BELTRAME, 2016), sendo as mídias digitais, aplicativos, programas de celular e computador, estão entre os principais jeitos de se consumir música e conteúdo musical. Essas práticas estão cada vez mais presentes na nossa sociedade, dando espaço e voz a grupos marginalizados, que antes não tinham acesso a esses conteúdos, nem como produtor ou/e consumidor, descentralizando os conhecimentos e promovendo a decolonialidade, contribuindo para uma educação antirracista (SANTOS; MENDES, 2014; MENDONÇA *et al*, 2017; QUEIROZ, 2017).

Diante disso, como podemos observar essas práticas dentro de uma perspectiva para a Educação Musical? O meio digital hoje tem um papel presente na vida dos alunos, muitos desde cedo já possuem um *smartphone* e estão buscando se conectar com esse mundo digital, as distâncias tornaram-se cada vez menores pela facilidade de se comunicar com as pessoas, possibilitando essa troca de informações e compartilhamento de ideias.

Desde o começo da Educação Musical no Brasil, sofremos com uma castração da nossa identidade musical, Queiroz (2017) chama de epistemicídios musicais:

Os epistemicídios musicais são crimes cometidos contra um conjunto amplo de expressões culturais que, por processos históricos de exclusão, foram expulsas dos lugares de destaque na sociedade (QUEIROZ, 2017, p. 108). Tal exclusão se deu, e ainda hoje se dá, pela associação dessas músicas a outros sistemas de organização sonora e outras formas de expressão cultural, geralmente vinculadas a grupos subalternos ou a práticas que, a partir de valores hegemônicos do hemisfério sul, são consideradas como desprovidas de valor estético, simbólico e social. (QUEIROZ, 2017, p. 137)

Então, compreendo que essas práticas podem estar aliadas para promover a decolonialidade na educação musical, pensando que, a sociedade está cada vez mais inserida nessa realidade digital, e principalmente o meio musical, muito se tem a aprender com essas práticas, e como podemos explorar o potencial criativo dos alunos, já que muitos são consumidores ativos. Nesse contexto, a presente pesquisa parte do seguinte questionamento e problematização: como essas práticas musicais da cultura digital/participativa e a decolonialidade podem estar entrelaçadas? Como essa perspectiva pedagógica para o projeto *30 dias 30 beats* pode ser decolonial?

O objetivo geral do trabalho é compreender como as práticas musicais da cultura digital/participativa e a decolonialidade estão entrelaçadas, a partir de um olhar pedagógico para o desafio *30 dias 30 beats*. Os objetivos específicos se concentram em analisar o desafio e identificar quais principais práticas musicais digitais nele se encontram; identificar como essas práticas podem ser decoloniais e suas articulações na educação musical; discutir como essas práticas de criação digital são importantes para a vivência dos alunos, observar as interações entre os usuários do desafio na mídia social Instagram.

## Metodologia

Neste texto apresento a metodologia e uma análise parcial dos dados obtidos até o momento. O trabalho tem como procedimentos metodológicos, tratando-se dos objetivos de pesquisa, uma abordagem qualitativa de caráter exploratório, juntamente com pesquisa de campo, bibliográfica e documental. Para a filtragem de conteúdo bibliográfico, utilizei as palavras-chave: Tecnologia, Educação Musical e Decolonialidade.

O campo empírico é a mídia social Instagram, local que os vídeos do projeto *30 dias 30 beats* foram postados. Primeiramente foi realizado uma observação e acompanhamento das postagens das edições de abril de 2020 e 2021, buscando observar como o desafio funciona com essa dinâmica nas redes e mídias sociais. Com essa imersão procuro observar como os usuários e seus conteúdos podem ser decoloniais, o que cada postagem traz e seu peso crítico e social. Durante todo processo, coloco-me como observadora participante virtual para monitorar as interações entre os usuários que estão participando, observando as *lives*, *hashtags* e postagens.

Depois das observações em campo, fiz um contato prévio com o criador do desafio e também alguns participantes para em seguida realizar uma entrevista com o criador do projeto buscando entender as motivações para se criar o desafio. Para compreender o projeto na visão dos participantes, optei por analisar as postagens de nove participantes e também entrevistá-los de modo a conhecer e compreender como são suas histórias musicais, como foram seus desempenhos e aprendizados durante esse desafio.

Para selecionar os participantes, busquei um grupo que fosse diverso, buscando atender aos critérios de ao menos 4 mulheres, 3 pessoas negras e/ou pardas, procurei também trazer pessoas com estilos musicais diferentes. Com relação às suas vivências e

formações, busquei saber se eles tinham formação musical formal, informal ou não formal, se já haviam realizados aulas sobre esse tipo de prática musical digital e como eles lidavam com esse espaço nas mídias sociais para mostrar os seus respectivos trabalhos e questão de visibilidade para a sua arte.

Para a realização das entrevistas, foi necessário buscar os respaldos necessários para a entrevista através da revisão de literatura e os estudos sobre categorias de entrevista. Durante as entrevistas, levantei alguns questionamentos como: Quais aprendizagens foram resultantes desse processo? Como você visualiza essas categorias de espaços digitais nas redes sociais para apresentar seu trabalho? As mídias sociais aumentaram o engajamento no seu trabalho? Você se sentiu estimulado a buscar outros conhecimentos com o desafio?

Para atingir os objetivos descritos acima, os seguintes pontos estão sendo desenvolvidos a partir das entrevistas e observações: 1) Como entender que essas práticas de criação diferem para cada um. 2) Suas influências musicais e pessoais. 3) O peso racial, de gênero e de sexualidade presente em suas histórias e sua arte.

## **Análise parcial dos dados**

Com relação ao perfil dos participantes (ver quadro 1), há uma diversidade de formação, gênero e raça, sendo que a maioria considera que sua formação musical se deu de maneira informal.

**Quadro 1:** Perfil dos participantes

<b>Perfil</b>	<b>Formação</b>	<b>Gênero</b>	<b>Raça</b>
@arizer4	Informal	Mulher	Branca
@bel_medula	Formal	Mulher	Branca
@breno.feli	Formal	Homem	Negro
@bigjesi	Informal	Homem	Branco
@elennsantana	Formal	Mulher	Negro
@jecabrito	Informal	Mulher	Branco

@katarinanepomuk	Informal	Mulher	Branco
@olegario_lucena	Informal	Homem	Negro
@riegulate	Informal	Homem	Branco

Fonte: o autor

Os participantes trazem diferentes sonoridades e gêneros musicais que acabam deixando esse ambiente bastante diverso, entre eles, o *blues*, brega funk, *lofi hip hop*, *jazz*, *reggae*, *dubstep*, funk, entre outros, além de muitas experimentações com ritmos brasileiros e estrangeiros, ou fusões mais diferentes como em uma postagem da participante Elen Santana que mistura uma batida de brega funk com um trecho da peça *O Lago dos Cisnes* de Piotr Ilitch Tchaikovski e também adiciona um improviso<sup>3</sup>.

Com relação aos aprendizados ao participar do projeto, os dados mostram que todos os entrevistados sentiram-se estimulados a buscar novos conhecimentos com o desafio, como também aprenderam processos como uso de *samples*, mixagem, instrumentos virtuais, produção e edição de vídeo, montagem de imagem e conhecer e inserir diferentes timbres e gêneros musicais. Atenta-se também ao fato de que a maioria não teve formação musical formal, levando com que haja uma liberdade para quem quiser mostrar seu trabalho nesse espaço virtual. Para as mulheres, as questões de visibilidade pesavam mais, algumas relataram que as redes sociais dão mais visibilidade aos seus trabalhos e conseguem trabalhos fora dos espaços virtuais por terem se exposto nas redes, como relatado pela participante Arielli, que fala que através do seu trabalho mostrado no desafio, conseguiu integrar a equipe de um estúdio de gravação da cidade de João Pessoa. Algo que era comum a todos os participantes eram que todos viam as mídias digitais como uma espécie de vitrine, um portfólio informal.

Considerando o quanto é vasto o campo da produção musical na cultura digital, participativa e suas interações. Beltrame (2019) evidencia o quanto é importante considerar esse tipo de produção sonora e estudar suas potencialidades e como podemos enxergar que elas estão tão conectadas e presentes com o jeito de se fazer música atualmente, por exemplo, através dos arranjos, paródias, *remix*, *covers*, e o uso de produções com *samples* e  *mashups*. Além disso, o uso do YouTube na aprendizagem desse processo foi muito

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CNNiZDgBiZ>

evidenciado por todos os participantes que em alguns momentos recorreram ao site para aprender ou melhorar novas práticas para produzir suas músicas.

## Considerações finais

O tema nos ajuda a entender que a música hoje, mais do que nunca, faz parte de uma cultura digital e participativa, sendo as mídias digitais, aplicativos, programas de celular e computador, o principal jeito que consumimos música. Sendo assim, as tecnologias são ferramentas que os professores podem usar a favor de uma educação decolonial, antirracista e feminista, sem haver essa hierarquização dos saberes formais e informais, diálogos entre diferentes áreas da música, como Etnomusicologia, Educação Musical e tecnologias.

Foi possível observar que o desafio estimula a criação e participação nesse meio digital, além das possibilidades de compartilhamento e interação entre os usuários, e o que mais me chama atenção é na visibilidade que o todo esse processo traz, encurtando as distâncias e abrindo caminhos para oportunidades dos usuários serem notados e mostrar os seus trabalhos.

Acredito que o estímulo pela criação é um fator fundamental para a decolonialidade estar cada vez mais presente na educação musical, pois a colonização europeia acabou minando como a Educação Musical pode se comportar, como indicado por Queiroz:

A colonialidade europeia impôs, junto com os padrões estéticos e as formas de ensino musical, um lugar social para a música nas instituições de ensino, que não é compatível com diversidade de contextos que tal fenômeno ocupa nas diferentes sociedades do mundo. Produto para as salas de concerto, para o deleite das elites e para o esplendor do talento do músico, a música erudita europeia chegou às instituições de ensino com o status de uma música que existe por si mesma, em que o produto musical, seja uma performance ou uma composição, existe e tem seu próprio valor, independente de qualquer relação com o contexto cultural. (QUEIROZ, 2020, p. 184)

Como estamos numa sociedade onde a informação corre de maneira mais rápida e democrática devido à internet, o conhecimento de disseminação para muitas pessoas que antes não conseguiram obter por falta de acesso e pelo elitismo social. O desafio que me

propus a analisar, coloca pessoas de diferentes contextos em evidência, além de estimular a prática de criação durante os 30 dias. Também destaco a importância de abarcar as questões em torno da comunidade LGBTQIA+, algo que ainda é escasso nas nossas produções acadêmicas e dentro do universo musical na totalidade, mas existem e são extramente pertinentes no contexto atual, já que o desafio traz essa diversidade para o debate.

## Referências

ARALDI-BELTRAME, Juciane. “Criar novas ideias a partir de músicas prontas”: reflexões, experiências e aprendizagens na produção de mashup. *OuvirOUver*, n. 15, v. 1), p. 60-70, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/OUV24-v15n1a2019-4>. Acesso em: 01 de fev 2021.

ARALDI-BELTRAME, Juciane. *Educação musical emergente na cultura digital e participativa: uma análise das práticas de produtores musicais*. Tese (Doutorado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

MENDONÇA. Pedro; ROCCA. Ralphen. MC MANO TEK0. O funk e a educação: etnomusicologia e pesquisa-ação participativa em contextos diversos. *Debates*. UNIRIO. Rio de Janeiro, n. 19. 2017.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. *Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico*. 2ª Edição. Novo Hamburgo. Editora Freevale. 2013.

QUEIROZ. Luiz Ricardo Silva. Até quando Brasil? Perspectivas decoloniais para (re)pensar o ensino superior em música. *PROA: Revista de Antropologia e Arte*. Unicamp, 10 (1), P. 153 - 199, 2020

QUEIROZ. Luiz Ricardo Silva. Traços de colonialidade na educação superior em música do Brasil: análises a partir de uma trajetória de epistemicídios musicais e exclusões. *Revista da ABEM*. Londrina. v. 25. n. 39. 2017.

SANTOS. Alexandre Henrique; MENDES. Adriana. As tecnologias digitais e a formação do educador musical. Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, 23., São Paulo. *Anais*. 2014.